



**QUANDO AS TECLAS FALAM, AS PALAVRAS CALAM – UTILIZAÇÃO DE
TELEMÓVEL E MESSENGER POR CRIANÇAS DO 5º E 6º DE ESCOLARIDADE
EM BRAGA**

**HOW CHILDREN OF THE 5TH AND 6TH GRADE FROM TWO SCHOOLS ON
THE DISTRICT OF BRAGA USE THE MOBILE PHONE AND THE MESSENGER**

CASTRO, Teresa Sofia

Doutoranda do Instituto de Educação – Universidade do Minho

E-mail: teresa.sofia.castro@gmail.com



RESUMO

É verdade que, desde os primórdios da humanidade, estamos dependentes das tecnologias, mas hoje mais do que nunca isso se verifica. São exemplo disso, O telemóvel e o Messenger. Estas duas recentes e populares tecnologias de informação e comunicação da sociedade contemporânea cativaram as crianças não sendo, por isso, de estranhar o modo apaixonado como utilizam e manipulam, no quotidiano, estas tecnologias que privilegiam a escrita. Há uma nova geração, com características de mobilidade e interactividade próprias, cujo quotidiano, subordinado às novas tecnologias, assenta numa forma de comunicar, relacionar e viver ainda pouco conhecido para nós. Este artigo resulta de um estudo quantitativo realizado com crianças do 5º e 6º ano de duas escolas do distrito de Braga, no sentido de aferir como utilizam o telemóvel e o Messenger no quotidiano.

Palavras-chave: Tecnologias, crianças, telemóvel, Messenger

ABSTRACT

It is true that from the origins of humanity we are dependent on the technologies, but today that happens more than ever. The mobile phone and the Messenger, two of the most recent and popular information and communication technologies of the contemporary society are an example of that. They fascinate children and, therefore, it is not strange the way they use and manipulate in everyday life these technologies that value writing. While social actors, children assume a pioneer role concerning the technological tendencies of nowadays globalized consumption society. Nevertheless, the way children use these technologies in the management of day-to-day communicational and relational life is still not very well scientifically documented in national studies. There is a new generation where everyday life is subordinated to the new technologies, with its own characteristics of mobility and interactivity and a way of communicating, relating and living, still unknown for us. This quantitative research aims to study how children of the 5th and 6th grade from two schools on the district of Braga use the mobile phone and the Messenger.

Keywords: Technologies, children, mobile phone, messenger.

“A ideia de infância é uma ideia moderna” (Sarmiento, 2002:3) que começou a emergir como categoria social a partir do Renascimento. Todavia, durante a modernidade vários factores concorreram para a promoção, institucionalização e construção social da infância. Deste modo, e com o advento da 2ª modernidade e a entrada num mundo de progresso globalizado e desterritorializado, é reinventado o mundo de vida das crianças (Sarmiento, 2002). Deste modo, não podemos ignorar que em tempos de mutação e flutuação sociológica global (Lipovetsky, 1983), consequência directa de uma sociedade *hiper-moderna* voltada para o consumo e para o imediato, as tecnologias de informação e comunicação se assumem como fortes concorrentes às instituições basilares que são a família e a escola. É, de facto, inegável a influência que os meios de comunicação digital, como o telemóvel e o Messenger, exercem enquanto veículos de conteúdos (imagens, símbolos, valores, modelos, representações). Estes acessórios à comunicação e interacção penetraram com tal impacto no quotidiano das crianças e adolescentes que as suas consequências são para nós ainda desconhecidas. Sabemos, contudo, que as crianças absorveram a cultura tecnológica, apropriaram-na para si e reelaboram as suas culturas de pares¹. Assim, a par de outras mudanças, as tecnologias de informação e comunicação estão a mudar os modos de ser das crianças, bem como o papel e estatuto da infância nas sociedades contemporâneas, desafiando limites e oposições tidos como evidentes e garantidos outrora.

1. CRIANÇAS, TELEMÓVEL E STATUS SOCIAL

Segundo Plant (citada por Girmino, 2002), é um facto que o telemóvel está a tornar-se parte do ser pessoa, que a acompanha 24 sobre 24 horas, é, metaforicamente, o cordão umbilical que a liga aos pais atarefados, à escola, aos amigos, dando-lhe uma sensação de companhia, segurança e de organização e coordenação do seu dia-a-dia. Deste modo, o telemóvel, dá às crianças um maior sentido de responsabilidade porque o telemóvel está à sua guarda e são responsáveis por tudo o que lhe acontece e confere-lhes um sentido simulado de privacidade, liberdade e independência que as aproxima do mundo dos adultos. Com o telemóvel acabaram-se os tempos mortos, expandiram-se as possibilidades da conectividade ininterrupta e surge uma nova dimensão do tempo e do espaço que dá uma nova validade às emoções e à ansiedade que agora se diluem no tempo, fragmentando-se em milésimos de segundos, já que tudo passa a depender de decisões muito rápidas e efémeras.

¹ Segundo Corsaro (in Barra e Sarmiento: 2002) é uma cultura comum ao grupo de crianças com as quais interage e partilha espaços e hábitos, rotinas, artefactos, valores ou preocupações.

2. DO *CHAT* À CULTURA MESSENGER

Quando Charles Babbage inventou no século XIX, a máquina de cálculo, que mais tarde se viria a chamar de computador, provavelmente não adivinhava que esta ferramenta viria a ocupar um lugar tão central na vida do homem contemporâneo. De facto, a presença do computador na vida contemporânea é muito diferente do que era há algumas décadas atrás. Segundo Turkle (1995) isto deve-se ao facto de na década de 70 em diante houve a passagem da cultura do cálculo à cultura da simulação. E esta cultura da simulação que emerge afecta o entendimento da nossa mente e do nosso corpo. Assim, se na década de 80 os computadores eram uma extensão do nosso intelecto, no fim do milénio e hoje passaram a ser uma extensão da presença física e psicológica do indivíduo.

Com os anos 80 as crianças começam a conviver de uma forma mais próxima com os computadores. Os computadores são brinquedos que lhes permitem realizar actividades como jogar, divertir, conversar e ler. Este grau de interactividade fez com que crianças e computadores se tornassem amigos, o que desencadeou uma mudança no modo como nos relacionamos com o computador e com as outras pessoas. O computador mudou o modo como pensamos e vivemos as nossas relações sociais e afectivas. Já que é através do computador que nos ligamos a um mundo virtual onde existe uma comunidade na qual encontramos os que nos são próximos: amigos, família, namorados... O computador deixou de ser uma máquina analítica e passou a ser visto como uma máquina íntima, como lhe chama Turkle, que permite estabelecer dois tipos de relação: pessoa – máquina e pessoa – outras pessoas.

Pelo seu lado, a Internet passou a ser um lugar de encontros e desencontros à velocidade de um clique, sem barreiras de espaço ou de tempo onde novos tipos de relacionamento emergem, juntamente com novos valores sociais e culturais de modo a “interagir de uma forma inovadora, fazendo coisas novas em conjunto – tal como o permitiram os telégrafos, os telefones e as televisões” (Rheingold, 1996: 19) que passa pela “nova capacidade de comunicação multilateral, de «muitos para muitos»” (*idem*: 19). No caso concreto do serviço de mensagens instantâneas, é impossível ignorar o fenómeno “Messenger”, enquanto meio de comunicação, que não pára de ganhar cada vez mais simpatizantes em todo o mundo e que muito tem contribuído para redesenhar a comunicação interactiva entre as pessoas. O seu *template* leve e divertido cujas imagens e sons enfeitam os diálogos são muito apelativos para os mais jovens e permitem, não só, a manutenção dos

laços sociais (fortes e fracos) assente numa comunicação de base escrita como convida à confiança daquilo que não se tem coragem de dizer no face-a-face.

3. A INVESTIGAÇÃO

No seguimento do enquadramento prévio, propôs-se a investigação empírica, da qual se apresentam de seguida alguns resultados, estudar o fenómeno do uso do telemóvel e do Messenger por crianças do 5º e 6º ano do Ensino Básico de duas escolas do norte de Portugal no distrito de Braga (EB2,3 de Lamações e a EB 2,3 de Amares), de forma a perceber o fenómeno de atracção que existe entre as crianças e estas tecnologias.

Para levar a cabo esta investigação foram contempladas as regras éticas inerentes ao processo. Foram obtidas as devidas autorizações e protegida a identidade dos intervenientes. Para a elaboração do questionário foi realizado um estudo preliminar no qual se procedeu à realização de entrevistas que foram uma mais-valia na elaboração de perguntas adequadas, fornecendo pontos de vista, opiniões e linguagem que permitisse uma maior aproximação às idades em questão.

Das entrevistas efectuadas resultaram algumas pistas e achegas que se considera pertinente reproduzir. Na transcrição textual que se segue, de forma a salvaguardar a identidade das pessoas entrevistadas, optou-se pela classificação “Entrevistado nº”. Os excertos das entrevistas que se seguem foram copiados tal e qual foram escritos de acordo com os temas abordados.

- **Sobre os Short Message System (SMS)**

Entrevistado1_diz:

eu escrevo os sms geralmente em portugues, e nao em p0r7uG€s

Entrevistado2_diz:

uma msg pode ser interrompida para fazer outra coisa

enquanto k s tiveres ao telefone com alguem

ja eh pouco etico fazer isso

nao keres deixar a pessoa a espera so pk te apetece ir beber uma coca cola...

é so um exemplo

Entrevistado4_diz:

sms, porque é o meio mais barato de comunicar hoje em dia então entre a mesma rede torna-se grátis como os novos tarifários, mas quando se trata dum assunto mais 'importante' prefiro telefonar.

- **Sobre o telemóvel**

Entrevistado2_diz:

numa chamada consegues ter alguma noção do que a pessoa está a sentir e a perceber do que tá a falar... (...)
na sms já é um pouco diferente...

Entrevistado4_diz:

para gravar momentos engraçados, tirar fotos, guardar os melhores momentos da vida com as pessoas que mais gostamos

Entrevistado4_diz:

eu há alturas que não gosto de desligar o telemóvel à noite
outras que até me esqueço de ligá-lo de manhã
depende da fase

- **Sobre o Messenger**

Entrevistado1_diz:

é também mais parecido com uma conversa a sério"
não tem aquele carácter pendular das sms
pelo menos não tanto

Entrevistado1_diz:

nesse aspecto penso que também o telemóvel serve. mas o msn proporciona a resposta instantânea

Entrevistado1_diz:

o "ah!"
"não digas!"
enquanto se conta as coisas

Entrevistado2_ diz:

o msn beneficia de inumeras coisas em um tempo ilimitado...
(alem da ligação a internet k ja sao baratas nao ha custo)
podes trocar mais informação
podes falar com varios ao mm tempo...
podes fazer outras coisas ao mm tempo...
podes interromper para fazer outras coisas ou ate sair... (parecido a sms e oposto ao tlm)
a ligação é continua... (nao tens d ligar e desligar sempre)
se tas com o pc ta ligado...
a kestao do appear offline eh outra kestao...
devido a ainda insuficiente evolução do tlm o msn ganha mts vantagens
preço mt mais barato...
e puedes falar por voz...
com camera...
com mais do k um ao mm tempo pelo mm custo

Entrevistado3_ diz:

pk assim e mais rapido falar com eles
e nao precisas de esperar tanto
pela mensagem
acho que é mais giro e podemos ver fotos e partilhar pastas
hehehe

Entrevistado4_ diz:

ha uma relação de todos os dias se falar com determinada pessoa
ja comecei grandes amizades assim
ha um contacto constante

Entrevistado4_ diz:

olha que ja tive conversas q eu propria e a pessoa em questao chegamos a conclusao que s
calhar pessoalmente nao teriamos desenvolvido tanto por ou por falta d coragem
nao qer dizer q nao se diga pessoalmente
mas as vezes e complicado, mas nada em uma boa conversa pessoalmente
as palavras custam mais a ser ditas

mas depois tem melhor 'gosto'
e cm superar um medo..
sabes?

Entrevistado5_ diz:

é rapido. podes falar c um monte de pessoas ao mm tempo. é "agradável", tipo tem os sons, os smiles, as fotografias das pessoas, acaba por ser divertido..
e o poder falar c qq pessoa da parte do mundo
ha amigos com kem ja n falaria ha imenso tempo e podes manter o contacto
e à borla sem ter k gastar dinheiro em chamadas

- **Sobre o Telemóvel e o Messenger**

Entrevistado1_ diz:

"manda-se" uma sms, mas "fala-se" no msn

- **Sobre a gestão dos laços e das amizades**

Entrevistado1_ diz:

hm
eu moro neste predio ha 9 anos
e nao conheco nhn1 vizinho
o ir brincar para a rua tem cada vez um papel menos importante
quanto muito vai-se para casa de alguem
mas mesmo isso ja e um grande bonus
e porque ir, quando esta toda a gente no msn?

Entrevistado1_ diz:

eu sou capaz de me encontrar 2 vezes por semana com um amigo
(...)
e fica a conversa em dia
mais o encontro ocasional no msn

Entrevistado1_ diz:

em principio se estou a pedir o contacto de uma pessoa
é porque quero falar com ela

!?

mas em todo o caso
tenho muita gente nos contactos com as quais nao falo regularmente
mas elas tb nao vem falar comigo

Entrevistado1_diz:

que apesar de ter andado na mesma turma do 5º ao 12º com a minha actual namorada
so comecamos a dar-nos bem atraves do msn durante umas ferias
e as coisas dps evoluíram

Entrevistado1_diz:

mas sem o msn duvido que tivesse sido possível

Entrevistado4_diz:

(...) acho que depende do grau d confiabilidade
e depende do tipo d contacto q queres estabelecer
mas eu por ex
dou primeiro o msn
pa nao haver tanta confianca
e depois d avaliar dou o tmvl qd s proporcionar

Entrevistado6_diz:

(...) o msn permite aprofundar muito as conversas, devido ao tempo que se passa em
frente ao monitor a falar com a pessoa, é mais facil teclar do que falar pessoalmente (até pq
sempre foi), até mesmo via sms

- **Sobre a dependência do Messenger**

Entrevistado1_diz:

eu estou praticamente 24h por dia no msn

Entrevistado1_diz:

as vezes presencialmente

Entrevistado1_diz:

(...)

tenho sempre pelo menos um computador ligado a net
de bandeira negra içada
com caveiras
=)
e portanto tb o msn
onde as pessoas podem deixar qlq coisa escrita

Entrevistado1_ diz:

sempre tive o azar de entrar muito cedo na escola
mas desde ha uns anos
a ultima coisa que faco antes de me deitar
e a primeira quando me levanto
é checkar o computador

- **Sobre a dependência do Telemóvel**

Entrevistado1_ diz:

é um stress brutal
e se alguém quer falar comigo por alguma razão?

Entrevistado1_ diz:

exacto, antigamente combinava-se: a porta do café X, às 8.
agora é preciso levar o tlm, para saber se a outra pessoa chega atrasada, etc.

Entrevistado2_ diz:

um dia sem tlm
já m aconteceu umas 3 ou 4 vezes
esquecer-me dele mesmo.
.é um desespero
parece k tou nu
pk é o meu alarme de manhã
é o meu relógio
so por essas duas coisas não consigo viver sem ele...
quando fico sem bateria é desesperadamente normalmente pk se me tentarem contactar vou

tar indisponível...

e se me acontecer algo perco o meu meio de pedir ajuda...

imagina ires na auto estrada e o carro avaria

sem tlm cm eh?

Entrevistado4_diz:

é o tédio e o 'desespero' sentes que te falta qql coisa completamente

Entrevistado5_diz:

no momento sim é um pouco desesperante mas dps ha passei um fds inteiro recentemente sem pegar no telemovel e até sentes bastante LIBERDADE

3.1. A Amostra

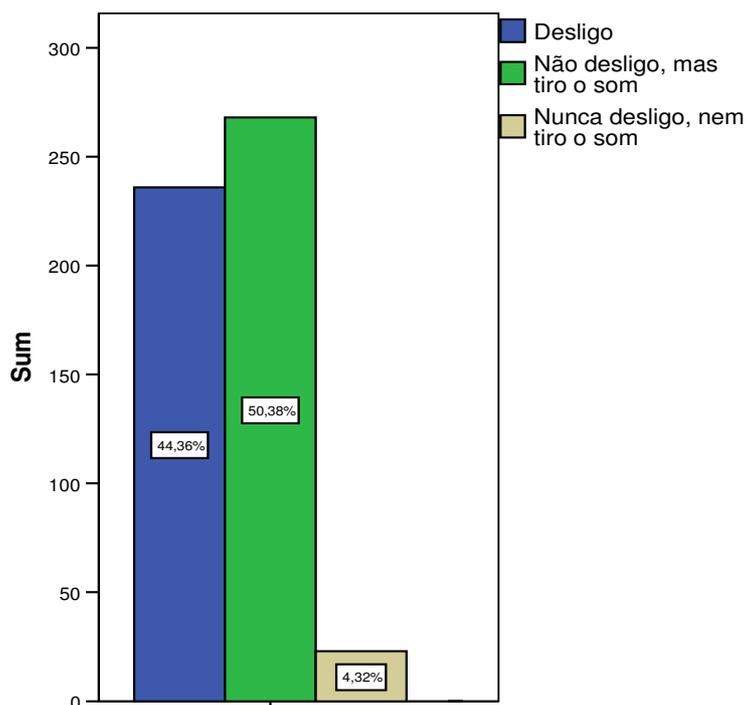
O estudo empírico foi circunscrito a 513 crianças. A amostra refere-se a alunos do 2º ciclo do Ensino Básico (5º e 6º anos de escolaridade) com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos, 333 alunos pertencem à EB 2,3 de Lameações e 180 alunos à EB 2,3 de Amares.

3.2 Resultados sobre a utilização do Telemóvel

A partir do estudo efectuado, verificou-se que a taxa de inserção do telemóvel ronda os 92% e que a idade em que adquirem o primeiro telemóvel situa-se entre os 9 e os 10 anos, respectivamente com 25,9% e 36,7%. Estas idades coincidem com a entrada no 2º ciclo do ensino básico em que as crianças ganham uma maior autonomia e independência, passam mais tempo fora de casa em saídas com os amigos ou envolvidos em actividades extracurriculares, fugindo, desta forma, ao controlo mais apertado dos pais. O telemóvel surge aqui como o cordão umbilical que liga os filhos aos pais, mas também como um elemento-chave na manutenção das relações de amizade com os pares.

Relativamente à questão da conectividade, apurou-se que 58,3% dos inquiridos não desliga o telemóvel, mas tira o som; 51,3% desliga o telemóvel e apenas 4,9% não desliga nem tira o som ao telemóvel em nenhuma circunstância.

Gráfico 1. Desligar ou não o telemóvel



Os inquiridos desligam o telemóvel nas seguintes situações: ‘nas aulas’ (67,5%); ‘quando estão a dormir’ (16,6%); 7,1% em ‘locais que exigem silêncio’ (igreja, biblioteca, avião, hospital, cinema...); ‘quando o telemóvel está sem bateria’ (7,1%) e ‘outras situações’ (5%), tais como: ‘quando é preciso’, ‘quando não querem ser chateados’ ou ‘quando apetece’. Tiram o som ao telemóvel nas seguintes circunstâncias: 78% ‘nas aulas’; 15% ‘locais ou situações em que não é permitido fazer barulho’ (missa, igreja, catequese, cerimónias, cinema, teatro, hospital, biblioteca) e 6% referiu ‘outras situações’ como: ‘em casa’, ‘estudar’, ‘durante as refeições’ e quando vai ‘dormir’.

De seguida, colocou-se a seguinte questão: “Certamente já te aconteceu ficar sem telemóvel, porque por exemplo ficaste sem saldo ou sem bateria... O que sentiste nesse momento?”. Como opção de resposta, à questão de escolha múltipla, foram colocados sentimentos positivos, negativos e neutros de forma a perceber se esta tecnologia influencia, ou não, altera, ou não, o estado de espírito do utilizador. Assim, averiguou-se que, como se pode verificar na Tabela 1, à primeira vista a percentagem de 42% de ‘indiferença’ pode induzir-nos em erro, contudo as respostas com maior percentagem concentram-se, de facto, em sentimentos negativos como: ‘tristeza’ (31,5%), ‘desespero’ (23,5%) e ‘tédio’ (14,8%); por fim são bem menos visíveis as percentagens de respostas associadas a sentimentos positivos como: ‘alívio’ (2,4%), ‘liberdade’ (2%) e ‘alegria’ (1,3%).

Tabela 1. O que sentem quando ficam sem telemóvel

Sentimentos	% Válida
Indiferença	42,0%
Tristeza	31,5%
Desespero	23,5%
Tédio	14,8%
Alívio	2,4%
Liberdade	2,0%
Alegria	1,3%

3.3 Resultados sobre a utilização do *Messenger*

Relativamente ao “Messenger”, 67% dos inquiridos usam este serviço de conversação instantânea, o que revela a sua popularidade entre os mais jovens que utilizam o Messenger por diversas razões. Apontamos as mais populares: permite falar com várias pessoas ao mesmo tempo; permite conversar e fazer outras coisas ao mesmo tempo (*multitasking*); é parecido com uma conversa a sério; é divertido (recursos ao *smiles*, fotos, cor de letra...)...

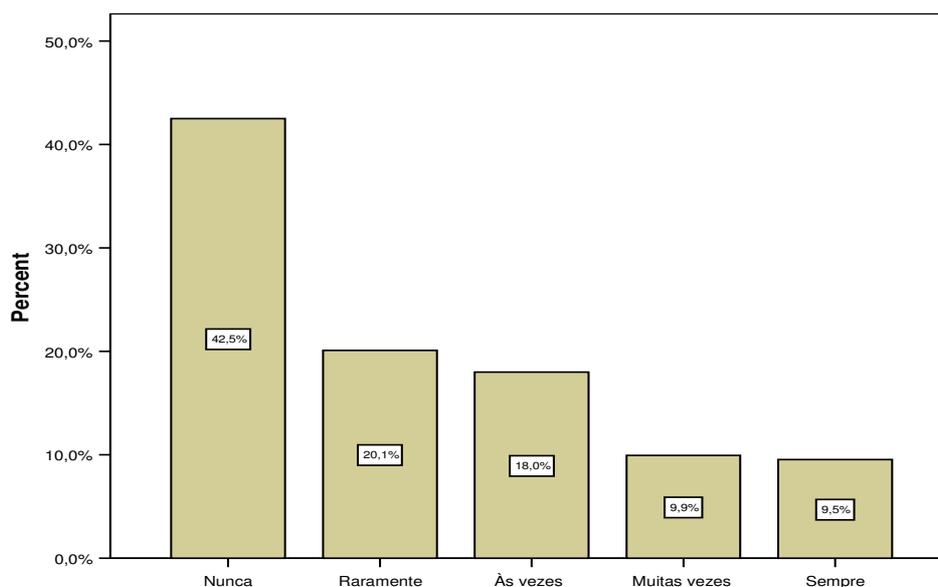
Em média, cada inquirido tem uma lista de 52 contactos e 17% “fala”, via Messenger, com pessoas que conheceu na Web. Este é um número com muito significado tendo em conta as idades destas crianças, o que pode reflectir já uma actividade consistente no ciberespaço.

Quando não gostam da atitude de uma pessoa no Messenger, 42,6% bloqueia o contacto indesejado; 25,7% não faz nada; 24,6% bloqueia e exclui; e 8% apenas exclui o contacto. Estes dados revelam alguma consciência de como se defenderem na rede.

3.4 Controlo parental e dependências do Telemóvel e Messenger

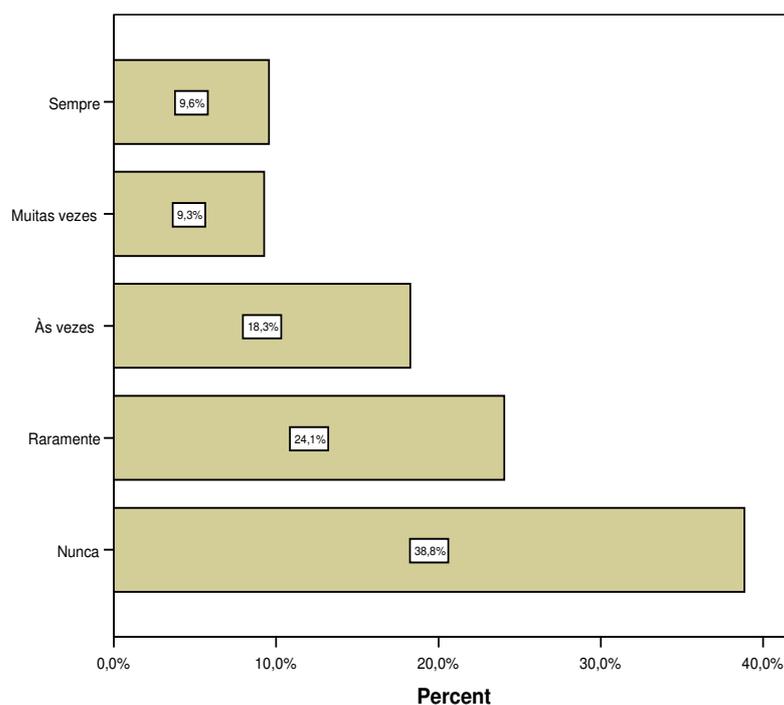
Relativamente ao controlo que os pais fazem acerca do tempo de uso do telemóvel, 42,5% dos inquiridos refere ‘nunca’ ter sentido esse controlo; 20,1% respondeu ‘raramente’; 18% ‘às vezes’; 9,9% ‘muitas vezes’ e 9,5% afirmam sentir-se ‘sempre’ controlado.

Gráfico 2. Controlo dos pais ao tempo de uso do telemóvel



No que toca ao controlo que os pais fazem acerca do tempo de uso do Messenger, regista-se a mesma tendência do que acontece com o telemóvel. Assim, 38,8% dos respondentes ‘nunca’ sentem o controlo dos pais; 24,1% ‘raramente’ sentem que os pais controlam o uso do Messenger; 18,3% respondeu sentir ‘às vezes’; 9,6% afirmam sentir-se ‘sempre’ controlados e apenas 9,3% refere ‘muitas vezes’. De acordo com o próximo gráfico verifica-se haver uma discrepância de valores entre o ‘nunca’ e o ‘sempre’.

Gráfico 3. Controle dos pais ao tempo de uso do Messenger



47,9% dos inquiridos afirma ser dependente do telemóvel, enquanto que 34,5% se consideram dependentes do Messenger. Face a estes números podemos concluir que em ambos os casos o número dos que não se consideram dependentes é superior aos que se consideram dependentes do telemóvel e Messenger; percentualmente regista-se um maior grau de dependência face ao telemóvel do que em relação ao Messenger.

Acerca de como os indivíduos vêem os seus pares no que toca ao grau de dependência do telemóvel, descobrimos que:

- Para 51,2% dos respondentes, rapazes e raparigas são igualmente dependentes do telemóvel;
- 33,6% considera que as raparigas são mais dependentes do telemóvel;
- 15,2% que considera serem os rapazes mais dependentes do telefone celular.

Relativamente ao uso das funções do telemóvel a maior parte atribui aos rapazes uma maior fluência no uso (38,9%) e logo a seguir, 36,3% consideram ser tantos os rapazes como as raparigas. Já 24,8% opina que as raparigas são mais fluentes no uso das funções do telemóvel.

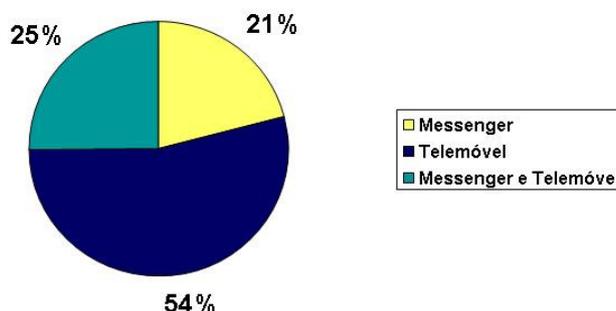
Relativamente ao grau de dependência do Messenger:

- 54,4% considera serem tão dependentes rapazes como raparigas;
- 25,2% defendem ser os rapazes;
- 20,5% consideram serem as raparigas as mais dependentes do serviço de conversação.

Os respondentes acham que rapazes e raparigas são fluentes no uso das funções do Messenger (48,4%); 33,5% é de opinião que são mais fluentes os rapazes contra 18,2% que considera serem as raparigas.

Quando inquiridos sobre o contacto que dão a alguém que acabam de conhecer, 53,8% disse que dá o número de telemóvel (53,8%); enquanto que 25,3% dá o contacto de Messenger e telemóvel e 21% apenas o endereço do Messenger.

Gráfico 4. 1º contacto que cedem



4. CONCLUSÕES

Tendo em conta a célere e profunda mutação da realidade, na qual as crianças ganharam destaque crescente enquanto actores sociais e utilizadores pioneiros das novas tecnologias de informação e comunicação, revestiu-se de toda a conveniência e importância a investigação realizada, no sentido de perceber os rituais destes consumidores tecnológicos.

Depois de observarmos os resultados obtidos, concluímos que é um facto consumado que o uso do telemóvel e do Messenger se democratizou entre os mais novos, fazendo parte integrante do seu quotidiano. A idade com que os indivíduos adquirem o primeiro telemóvel coincide geralmente com a entrada para a escola, ou seja, quando as crianças iniciam o seu processo de maior emancipação, autonomia e socialização, fugindo ao controlo familiar. Enquanto que os indivíduos têm telemóvel cada mais jovens, no Messenger verifica-se que o maior grupo de utilizadores se situa entre os mais velhos. Sendo que, tendo em conta as idades dos inquiridos, o acesso a estes dois meios de comunicação é proporcionado pelos pais, verificou-se haver uma maior taxa de utilizadores do telemóvel do que do Messenger. Tal, prende-se com o facto do telemóvel ser um meio relativamente económico e acessível enquanto elo umbilical entre pais e filhos. Por sua vez, o Messenger, como ainda depende de um certo investimento económico e de alguma fluência tecnológica, o seu acesso não é tão generalizado quanto o telemóvel. Para além disso, tem um carácter mais secundário, supérfluo e lúdico e, possivelmente, por isso, é relegado para segundo plano.

De seguida, procedeu-se a dar resposta aos objectivos estipulados para o desenvolvimento do estudo. Assim:

1. Quanto à importância, frequência e modos de utilização do telemóvel e do Messenger

Os inquiridos valorizam, em particular, o telemóvel enquanto mediador entre o utilizador, família e amigos (como meio de contacto ou como meio de comunicação em situações de emergência). Embora, o telemóvel seja dado às crianças para manutenção do controlo familiar, são outras as utilizações que estes fazem do aparelho. Assim, também apreciam as funcionalidades extra-comunicacionais do aparelho enquanto arquivador de memórias ou nas suas variadas funcionalidades: agenda, relógio, mp3, máquina fotográfica, Internet.

Apurou-se que a maior parte dos indivíduos desliga o telemóvel ou tira-lhe o som em situações como estar nas aulas, a dormir, locais e situações em que não é permitido atender (como, por exemplo, na missa, no médico, no cinema, entre outras...), sendo muito reduzida a percentagem de inquiridos que, em circunstância alguma, desliga ou tira o som ao seu celular.

Embora o Messenger se revele uma ferramenta de conversação bastante utilizada, entre os mais novos, ainda não tem tantos adeptos como o telemóvel. No entanto, cerca de 70% dos indivíduos que usam este serviço, usam-no regularmente.

Este serviço reveste-se de importância para os utilizadores porque é mais barato que o telemóvel e é útil para tirar dúvidas sobre os trabalhos da escola. O facto de o Messenger permitir conversar com várias pessoas ao mesmo tempo, simular a conversa 'a sério', permitir realizar múltiplas tarefas e permitir a partilha de ficheiros também é bastante considerado pelos inquiridos.

Em média, cada indivíduo tem 52 contactos no Messenger e fala em média com 18 utilizadores, sendo que para cerca de 20% dos inquiridos alguns são pessoas que conheceram na Internet. Porém, quando não gostam da atitude de uma pessoa no Messenger, mais de 40% respondeu que bloqueia o contacto.

Segundo os inquiridos, o controlo dos pais relativamente ao tempo de uso do telemóvel ou do Messenger, regra geral, 'nunca' se faz sentir. Talvez esta falta de controlo se deva a uma questão de iliteracia tecnológica ou desconhecimento dos potenciais perigos. Seria importante aprofundar esta questão em investigações futuras.

2. Quanto à relação de dependência que o telemóvel e o Messenger exerce na vida de crianças do 5º e 6º ano

Para mais de 40% dos respondentes, a situação temporária de ficar sem telemóvel não representa qualquer transtorno. Contudo, se observarmos que uma percentagem significativa

se concentra em três sentimentos negativos, como a 'tristeza', 'desespero' e 'tédio', então, podemos concluir que, para a maior parte dos respondentes, ficar sem telemóvel altera negativamente o seu estado de espírito.

Cerca de 50% dos inquiridos afirma ser dependente do telemóvel, e apenas 35% se diz dependente do Messenger. Face a estes números podemos concluir que em ambos os casos, o número de não dependentes é superior ao de dependentes todavia, comparativamente, regista-se um maior grau de dependência do telemóvel do que do Messenger.

Os indivíduos inquiridos são de opinião que rapazes e raparigas são igualmente dependentes do telemóvel e do Messenger. No entanto, consideram que os rapazes são mais fluentes no uso das funções do telemóvel e que no Messenger tanto os rapazes como as raparigas são fluentes na utilização das funções.

Quando conhecem alguém, o primeiro contacto que os indivíduos fornecem é o número de telemóvel.

3. Quanto à influência das características sócio-demográficas na utilização do telemóvel e o Messenger

No que diz respeito às características sócio-demográficas, constatou-se que estas apresentam leituras suplementares, mas não representam flutuações, tão significativas como se esperava, quanto à utilização do telemóvel e do Messenger.

Quanto ao sexo, em situação de ficar temporariamente sem telemóvel, as raparigas sentem mais 'indiferença' e 'tristeza' enquanto que os rapazes sentem um maior 'desespero' e 'tédio'.

No Messenger, registou-se que os rapazes são os mais dependentes do serviço de conversação instantânea e valorizam mais as potencialidades de entretenimento do serviço do que as raparigas. Relativamente às raparigas, é maior o número de rapazes que respondeu ter, na sua lista do Messenger, o contacto de pessoas que conheceram na Internet.

Rapazes e raparigas consideram-se identicamente dependentes do telemóvel e do Messenger, no entanto, eles opinam que percebem mais das funcionalidades do telemóvel e do Messenger, enquanto que as raparigas são menos sexistas, considerando que ambos o sexos são fluentes na utilização das funções destes dois meios de comunicação.

Relativamente à idade, tendo em conta que estas oscilavam desigualmente entre os 10 e os 14 anos, optou-se por considerar o ano escolar para fazer a distinção etária.

Deste modo, no que diz respeito ao telemóvel, os indivíduos mais velhos, que frequentam o 6º ano, têm uma maior relutância em desligar o telemóvel, optando por tirar o

som. Curiosamente, é mais frequente entre os inquiridos do 5º ano nunca desligarem o telemóvel.

Em situação de ficar temporariamente sem telemóvel, apesar de revelarem o mesmo tipo de sentimentos, os alunos do 6º ano sentem mais ‘indiferença’ e ‘tristeza’ e os do 5º ‘desespero’ e ‘tédio’.

A percentagem de alunos com Messenger é superior entre os alunos do 6º ano, talvez porque têm uma vida social já mais desenvolvida que os aproxima mais da adolescência e dominam melhor a expressão escrita.

Quanto ao grau de dependência, verificou-se que, apesar, de obtermos valores aproximados, os indivíduos do 6º ano são ligeiramente mais dependentes do telemóvel do que os do 5º ano. Isto poderá ter a ver com o facto de terem telemóvel há mais tempo.

Segundo os inquiridos do 5º ano, são os rapazes que melhor utilizam as funções do telemóvel enquanto que para os indivíduos do 6º ano não há distinção entre sexos no que toca ao uso das funções do telemóvel.

Uma outra distinção que fizemos foi entre escolas já que nesta categoria se incluem características de meio e de estratificação social divergentes.

É consideravelmente superior a percentagem de alunos que tem Messenger entre os alunos da EB 2,3 de Lamações em comparação com a EB 2,3 de Amares. Provavelmente, esse resultado explica-se porque a Escola de Lamações regista uma percentagem maioritária de alunos que vive na cidade e cujas famílias têm um nível socio-económico mais elevado. Porém, são os inquiridos da EB 2,3 de Amares que mais se correspondem com pessoas que conhecem na Internet. Isto poderá denotar uma menor informação ou sensibilização familiar para os perigos decorrentes da Internet.

É visível uma maior dependência do telemóvel e do Messenger entre os alunos da escola de Amares.

Para os alunos da escola de Lamações não há diferenças entre rapazes e raparigas na utilização das funções do telemóvel ou do Messenger, já os da escola de Amares consideram que quem utiliza melhor as funções do telemóvel e do Messenger são os rapazes.

5. REFLEXÕES FINAIS

É inegável a concorrência que as tecnologias presentemente exercem face às instituições basilares como a família e a escola no processo de socialização da criança. As tecnologias de informação e comunicação fazem sentir a sua influência e alteram a estrutura

social, os costumes, a vida cotidiana. Há uma geração da cultura letrada, cujo cotidiano se subordina às novas tecnologia e que desenvolveu uma forma de estar no mundo independente do mundo adulto, cuja configuração assenta em novos moldes de comunicar, relacionar e viver que é desconhecido para nós. Não sabemos que adultos serão as crianças que hoje crescem com a cultura da ubiquidade e da interactividade comunicacional e relacional, mas temos provas, hoje, que utilizam doutamente tecnologias como o telemóvel e o Messenger para manter e alargar os laços de afectividade e de amizade. Antigamente, num passado ainda bem próximo, fazíamos amigos no face-a-face entre os vizinhos, os amigos dos amigos, os colegas da escola, actualmente, travam-se amizades, namora-se e pode ter-se uma multiplicidade de *personae* na rede.

A criança desenvolveu uma relação íntima e natural com estes aparelhos que, desde tenra idade, os conecta à família, à escola, aos amigos proporcionando uma sensação de companhia, segurança e a gestão do dia-a-dia. Tudo está ao alcance de um botão que utilizam para comunicar através de páginas e páginas de texto que enviam sucessivamente para um destinatário invisível que, segundos depois, responde às suas missivas digitais. Não surpreende, por isso, que esta relação se torne um vício e se sintam desorientados quando estão sem o telemóvel ou sem Internet. No âmbito das comunicações, as inovações não estagnaram, prevêem-se mais e mais (r)evoluções no futuro. As novidades, no âmbito das tecnologias de informação e comunicação são diárias, os mais jovens absorvem sofregamente tudo quanto desafia a sua curiosidade própria da idade, em simultâneo, constroem uma cultura com códigos, sinais e ritos, por vezes, camuflados, indecifráveis e silenciosos. Assim, neste contexto evolutivo, é fundamental o papel dos pais e dos adultos, em geral, no sentido de acompanhar e compreender as preferências da criança na construção da sua própria cultura, é que quando as teclas falam, as palavras calam...

REFERÊNCIAS

GIRMINO, José Manuel, **La generación del pulgar**. La Flecha, Tu diario de ciencia y Tecnología, 2002.10/Abril/2006. Disponível em: www.laflecha.net/canales/moviles/articulos/generacion_pulgar/ Acesso: 15/Março/2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1983.

RHEINGOLD Howard. **A Comunidade Virtual**. 1ª edição. Gradiva Publicações Lda, 1996.

SARMENTO, Manuel Jacinto; BARRA, Sandra, **Os saberes das crianças e as interações na rede**, 2002.. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~zeroseis/1art14.doc>
Acesso: 17/Fevereiro/2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. CEDIC Centro de Documentação e Informação sobre a Criança, 2002. Disponível em: http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/menu_base_text_trab.htm
Acesso: 18/Fevereiro/2008.

TURKLE, Sherry. **Life on the screen – Identity in the Age of the Internet**. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 1995.

Breve Currículo do(s) autor/autora (s): Teresa Castro, Universidade do Minho - Instituto de Educação, Portugal, Doutoranda em Ciências da Educação - Tecnologia Educativa.

Artigo recebido em 20/02/2011

Aceito para publicação em 01/04/2011